

Leitura de *Teoria dos Afetos*

Linhares Filho

Acabo de ler *Teoria dos Afetos*, livro de poemas de Neide Azevedo Lopes, publicado em Fortaleza, pela Expressão Gráfica Editora, 2010, com significativa capa de Pedro Henrique Azevedo Lopes Ferreira, prefácio de F. S. Nascimento e orelhas trazendo textos de Giselda Medeiros, Artur Eduardo Benevides e Francisco Carvalho, todos enaltecendo de modo justo o desempenho poético da autora.

Impressionou-me o alto nível dos poemas desse livro. Vê-se que os escreveu uma poetisa consciente do seu ofício, com grande domínio da linguagem e da arte. Justifica-se o título não só pelo fato de vários poemas se dedicarem a pessoas amigas da autora, mas também por causa de muitas composições se desenvolverem, a partir de um acontecimento ou motivo ligado a essas pessoas.

A leveza dos versos, algumas vezes livres, outras vezes polimétricos, muitas vezes medidos regularmente, prima por uma imagística ora sugestiva, ora sensorial, ora afetiva; por um conjunto de ideias ora emocionantes, ora convincentes; por uma sonoridade agradável. O ritmo, em vários casos alcançado pela repetição enfática e/ou embaladora, compõe o conjunto de processos poéticos, que dão vigor e legitimidade à mensagem e à poesia oferecidas ao leitor no livro, que traz o timbre moderno, oscilante entre neorromântico e neossimbolista.

Destacaria os textos que mais me marcaram, e que nomeio pela ordem de aparecimento no volume. "Dorme o Poeta" (p.15) distingue-se pela riqueza de conotações como metonímias, prosopopeias e valores sensoriais, de que sobressai a sinestesia audiovisual do último verso. "Celebração" (p.16) salienta-se por sua forte dose de otimismo. "Solicitação" (p.20) traz o desejo de que se desfrute o descanso junto à natureza. "Assombro" (p.25) apresenta perquirições de rastros de mortas numa casa em ruínas.

Salienta-se *Teoria dos Afetos* (p.31) pela beleza do registro habilidoso da presença espiritual de pessoa ausente no físico. Sublinho "Poema para Beatriz" (p.49) pelas repetições expressivas, marcando várias situações da vida do ser focalizado e com um insistente quase, que sugere um criativo entrever. "Memória do Dia" é belo pela saudação ao nascimento da manhã, concebida esta como um tempo entre real e simbólico. O texto valoriza-se, ainda, pelo desvio sintático, funcional do verbo "morre".

Destaca-se "Para Escrever Meu Verso" (p.52) pela subjetividade da escolha expressiva de situações propícias à criação poética; "A Morta" (p.62), pela criativa e elegíaca descrição; "Ritual" (p.65), pela concentração e nominalidade do registro de todo um evoluir existencial.

Distingue-se "Apelo" (p.72-73), poema dos mais belos do livro, pela ternura apelativa em torno dos vários motivos da vigília do amado, os quais pontilham com repetições enfáticas diversos e importantes momentos da vida a dois.

Admira-se o poema "Informativo" (p.75) pelo confronto entre os atributos da vida profissional da autora e os valores poéticos e afetivos, elegendo-se esses últimos. Trata-se de página graciosa pelo ritmo dos versos e interessante pelo timbre metapoemático. Também metapoema é "Cantata" (p.77-78). Verifica-se aí que o sintagma "gôndola e jangada" emprega-se inusitadamente como predicativo do sujeito elíptico "eu" do verbo intransitivo "Viajo" e, conseqüentemente, a expressão constitui uma bela metáfora. Na sétima estrofe desse poema, como em outros passos do livro, encontra-se a construção de uma sinestesia audiovisual: "Ouço a papoula crescer". O texto justifica, ontologicamente, em todo o seu teor, a identidade poética da autora.

"Requiem Aeternam" (p.80) constitui uma feliz personificação da Morte e, em "A Partilha" (p.93), reflexões metafísicas são sugeridas com as inquirições a respeito da distribuição dos pertences da morta, que configuram o perfil de quem deles se despoja irremediavelmente e deixa como herança imperecível a imaterialidade da "imensidão dessa dor". O fecho comovente abranda sabiamente, na presente peça, o seu tom realista.

Delicada elegia existe em “Silêncio e Atalhos”(p.94-95), concebida pela subjetividade da autora, que a seu modo interpreta o estado das coisas como que órfãs de quem se foi, as quais, na sua solidão, incompletude e cautela, transmitem ao leitor um clima de tristeza (o *pathos*), e conectam-se com a timidez do próprio “vulto”, que “volve mansinho/ Com medo de retornar”.

Elegia maior, “Poema da Hora Antiga”(p.102-103) realiza-se, plenamente, em seus tercetos, que alternam a focalização do eu lírico representado por metonímias (“olhos”, “passos”, “braços”, “janelas”) e o “tu”, que substitui o pai. A lentidão do esvaír-se do ente querido, a implícita conformação, a tecer as metáforas da derradeira estrofe e os valores sintáticos, criativos, do terceiro verso da terceira estrofe e do primeiro da quarta constituem processos que engrandecem a composição.

Finalmente, lemos “Cântico”(p.117-118), que é um hino ao amor, uma peça em que as metáforas conceituais se sucedem, escolhidas pela subjetividade da poetisa, que, através delas, consulta sua experiência existencial e o geral procedimento humano, sobretudo exprime uma filosofia de vida em que se misturam o prazer, a amizade e a renúncia (Eros, *philia*, e ágape).

Admira-se profundamente a aguçada sensibilidade e a consciente técnica de Neide Azevedo Lopes, prontas a traduzir poeticamente a nossa existencialidade humana.